

Cadernos

letra e ato

Jacinto Heller: Repertório de um empresário teatral (1875-1885)

Aléxia Lorrana Silva FERREIRA¹⁰

Resumo: O presente artigo é fruto de um levantamento de dados, feito em periódicos do século XIX, sobre a trajetória da empresa teatral Phênix Dramática, empresariada por Jacinto Heller, apresentando as peças encenadas entre 1875 e 1885. Incluo, também, um panorama das circunstâncias e contextos históricos em que a companhia estava inserida.

Palavras-chave: Teatro musicado; Companhia Phênix Dramática; História do teatro brasileiro.

Nascido no Porto, Portugal, em 1834, Jacinto Heller era filho de um ator que veio para o Brasil quando aquele tinha apenas três anos. Heller tornou-se ator aos 15 anos, estreando no Rio Grande do Sul, e viajou por toda província até a morte de seu pai. Teve como mestre o grande ator romântico João Caetano, chegando a atuar a seu lado em sua Companhia no Teatro São Pedro de Alcântara, no Rio de Janeiro. Com o fim da Companhia de João Caetano, Heller passou a integrar a Companhia de Joaquim Heleodoro do Santos, no Ginásio Dramático. (MENCARELLI, 2003) Em 1868, empresariando alguns atores remanescentes da Companhia de Heleodoro, Francisco Corrêa Vasques criou a Companhia Phênix Dramática. Dois anos depois Heller assumiu a direção da companhia, como evidenciamos no anúncio de jornal:

Inaugurou-se ante ontem a nova empresa da Phênix Dramática, sob a direção do Sr. Heller, subindo a cena uma aplaudida comédia em 3 atos *Vaz, Telles e C.* imitação do vaudeville francês de Gavaud, Minard e

¹⁰ E-mail: lorrana.alexia@gmail.com. Graduada em Artes Cênicas pela Universidade Estadual de Campinas. Bolsista PIBIC/CNPq em Iniciação Científica.

C., que tanto sucesso obteve no Alcazar. É autor da paródia o Dr. Augusto de Castro, Penna adestrada no gênero. (*Diário do Rio de Janeiro*, 1870, p.1.)

À frente da Companhia Phênix Dramática, Heller foi o principal responsável pela divulgação dos primeiros gêneros de teatro musicado, transformando-se rapidamente em concorrente direto do Teatro Alcazar Lyrique (BRITO, In: FARIA, 2012, p. 220), um teatro estabelecido no Rio de Janeiro (1859-1877) com o objetivo de acolher as encenações, em língua materna, das operetas que estavam na moda em Paris.

A companhia de Heller se consolidou como uma das mais importantes empresas teatrais deste período, ocupando primeiramente o Teatro Phênix Dramática, antigo teatro Eldorado, e a partir de 1882, mantendo o nome Phênix Dramática, mudou para o Teatro Santana, antigo Cassino, até se dissolver em 1893. Foram, portanto, vinte e três anos de intenso trabalho teatral.

O aparecimento do teatro musicado mudou a concepção estética do fazer teatral da época. A companhia Phênix teve grande importância nessa história porque nela o teatro ligeiro ganhou sua enorme popularidade.

A empresa iniciou uma forma diferente de diversão na cidade, e estabeleceu um marco na recepção das operetas europeias quando os autores brasileiros, que se viram estimulados a traduzir, adaptar, parodiar e escrever esse tipo de peça que tanto chamava a atenção do público.

A voga das operetas, das mágicas e das revistas imprime uma mudança de escala no teatro brasileiro: a ampliação do número de espetáculos, de afluência do público, de companhias, de casas de espetáculos, de produções teatrais, de grandes sucessos e de circulações de dinheiro em torno do que se revelava novo negócio, a indústria da cena. (MENCARELLI, 2003, p. 4)

Jacinto Heller regeu sua companhia nessa “indústria da cena”, fazendo dela a mais relevante em repertório de encenações de operetas, e tornou-se um dos primeiros empresários de sucesso dessa geração. Sua empresa, que era considerada estável,

[...] mantinha sob contrato cerca de vinte atores e atrizes, um casal de bailarinos, o diretor da orquestra, um contrarregista, um ponto, um guarda-roupa, um fiscal, um guarda-livros, um arquivista, um avisador e um fiel, perfazendo um total de trinta e três pessoas, sem contar os aderecistas, cenógrafos, maquinistas e outros auxiliares. (RUBENS JOSÉ BRITO in FARIA, 2012, p. 220)

Dispondo desta equipe grandiosa, que contava com atores consagrados da época, como Vasques, Guilherme de Aguiar, Mattos, Rose Villiot e Delmary, a Phênix Dramática encenou, entre os anos de 1875 e 1885, cerca de cento e quarenta peças diferentes. Sendo em torno de quarenta e cinco operetas, trinta e cinco comédia, quinze cenas cômicas, dez dramas, dez mágicas e outros tantos espetáculos sem gênero identificado.

Abaixo segue uma relação dos títulos, em ordem alfabética, e dos gêneros dos espetáculos encenados pela Companhia Phênix Dramática, no período de 1875 a 1885.¹¹

PEÇAS (1875-1885)	GÊNERO
A Atriz	Comédia
A associação da Família	Comédia
A Ave do Paraíso	Opereta
A Beata Tagarela	Cena Cômica
A Camargo	Opereta
A Casadinha de Fresco	Opereta
A Cauda do diabo	Comédia
A Cerração no Mar	-
A Criada impagável	-
A Estreia de uma Atriz	Opereta
A Exposição de Philadelphia	Comédia
A Filha de Maria Angu	Opereta
A Filha do Barão	Comédia
A Filha do Condenado	Drama
A flor de Liz	Opereta
A Gata Borracheira ou Chapim de Crystal	Mágica
A Grã Duquesa de Gerolstein	Opereta

¹¹ Os dados são baseados em pesquisas de fontes primárias, como anúncios, programas, e críticas de espetáculos publicados em jornais, principalmente no periódico *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, disponíveis no portal de periódicos nacionais, a Hemeroteca Digital Brasileira. Embora esta tabela seja fruto de pesquisa minuciosa, sabemos que não é possível encontrar registros de todas as encenações, por diversas razões técnicas, fazendo-se necessário saber que outras peças podem compor o repertório da companhia neste período.

A História de um Marinheiro	Cena Dramática
A Loteria do Diabo	Mágica
A Mangerona	Opereta
A Mascotte	Opereta
A mulher do papa	Opereta
A princesa dos Cajueiros	Opereta
A Princesa Estrela D'Alva	Mágica
A rainha Crinolone ou O Reinado das Mulheres	Opereta
A Senhora está Deitada	Comédia
A sina do Papa	Comédia
A Viagem à Lua	Mágica
A visão	Drama
Abel, Helena	Opereta
Aguentem-se no Balanço	Cena Cômica
AH! Cara dura!	Comédia
Ali-Babá ou Quarenta Ladrões	Mágica
Amar sem conhecer	Opereta
Amor em Liquidação	Cena cômica
Amor por Anexins	Comédia
Antonica da Silva	Opereta
As Almas do Outro Mundo	Comédia
As Atribulações de um Estudante	Comédia
As duas Bengalas	Comédia
As Mil e uma noites	Mágica
As proezas de Satanás	-
As sogras	Cena cômica
As vítimas de Barnabé	Comédia
Barba Azul	Opereta

Bertha de Castigo	Comédia
Boas Noites, Sr. D. Simão	Zarzuela
Boccacio	Opereta
Casa de Orates	Comédia
Casamento singular	Comédia
Casar ou Pagar	Comédia
Christovão Colombo ou A descoberta da América	Drama
Cocota	Revista de ano
Coquelicot	Opereta
Coisas do Arco da Velha	Cena Cômica
D. Juanita	Opereta
Dá cá Tabaco, compadre!	-
Dois Amantes do High-Life	Opereta
Duas lições em uma só	Comédia
Em manches de Chemise	Comédia
Falka (Le droit d'Ainesse)	Opereta
Fatinitza	Opereta
Fica quieto nhonhô	Cançoneta
Gabriel e Lusbel ou Os Milagres de Santo Antônio	Drama
Genro e Sogra	Comédia
Genro e Sogro	Comédia
Gilete de Narbonn	Opereta
Giralda-Giraldinha	Opereta
Helena	Drama
Jaguarita a Indiana	Opereta
L' Echo de Montagens	-
Lágrimas de Maria	Drama
Les Nocés de Jeannette	Opereta

Maxambomba	Comédia
Mme Favart	Opereta
Moços e Velhos	Comédia
Niniche	Opereta
Nova viagem à Lua	Opereta
O Amor Pelos Cabelos	Cena cômica
O Asilado	Cena Cômica
O casamento do alto vareta	-
O casamento e a mortalha	Comédia
O Cego e o Corcunda	Drama
O dia e a Noite	Opereta
O ditoso Fado	Comédia
O estatuário	Cena dramática
O Fausto	Drama
O filho do Regimento	Comédia
O Filho Exilado	Cena Cômica
O Guarani	Drama
O Jovem Telêmaco	Mágica
O Judeu Errante	-
O Lyceu Polycarpo	Opereta
O Meia Azul	Opereta
O Milho da Padeira	Opereta
O morro do Nheco	-
O passo das Bandeiras	Cena Cômica
O Primo Basílio	Comédia
O Príncipe Topázio	Opereta
O processo do Cancan em família	Opereta

O sacristão de S. Justo	Opereta
O Sr. Domingos fora do Sério	Cena Cômica
O Sr. Mello Dias	Opereta
O Tio Padre	Comédia
O triumpho às avessas	Opereta
O ultimo figurino	Opereta
O visconde da rosa Branca	Comédia
O viveiro de Frei Anselmo	Opereta
Olhai! Olhai!	Cena Cômica
Os Argonautas	Mágica
Os dois Surdos	Comédia
Os Mosqueteiros no Convento	Opereta
Os Noivos	Opereta
Os Sinos de Corneville	Opereta
Os Três Boticários	Comédia
Os Três Chapéus	Comédia
Os trintas botões	Cena Cômica
Os Vagabundos	Opereta
Passo a Dois	-
Posso falar a Sra. Queiroz?	Comédia
Revista Theatral	Cena cômica
Robinson Crusóé	Opereta
Sacristão Político	Cena cômica
Sonhos de Ouro	Mágica
Tchang! Tching! Bung!	Cena Cômica
Três Espirros	Sainette
Uma embrulhada	Comédia
Uma Experiência	Comédia

Uma noite de carnaval	Sainete
Uma noite no Castello	Opereta
Uma viagem a Pekin	Opereta
Vaidades Femininas	Comédia
Vasques e Mattos	Entre ato cômico
Velhinho do Asilo	-
Vendi a Família	Comédia
Viagem a Roda do Mundo à pé	Cena cômica
Zig-zag	Cançoneta

Tabela 1- Título e gênero das peças encenadas pela Companhia Phênix Dramática, empresariada por Jacinto Heller

Phênix Dramática: os gêneros musicados

Enquanto a comédia realista fazia sucesso no Ginásio Dramático e seduzia nossos principais escritores e intelectuais, um outro tipo de espetáculo teatral, baseado na alegria, na música ligeira, na malícia e na beleza das mulheres, começava a atrair o público cada vez menos interessado no teatro marcado pela preocupação literária e edificante. (FARIA, 2001, p.145)

Esta história começa com a chegada da opereta francesa ao Alcazar Lyrique, teatro inaugurado em 1859, e empresariado por Joseph Arnaud. O gênero opereta surgiu na França no século XIX e foi popularizado por Jacques Offenbach. A expansão e sucesso das operetas motivou uma série de paródias e traduções para o português. Os escritores nacionais, inspirados nos sucessos das encenações do Alcazar, se apropriavam da linguagem oferecida por Offenbach para criar operetas que, a princípio, mantinham as partituras, mas adaptavam os enredos aos costumes nacionais. *Orfeu na roça*, escrita e encenada por Vasques, no Teatro Phênix Dramática em 1868, foi o marco da primeira paródia, baseada no original *Orphée aux enfers*, escrita por Hector Crémieux e Ludovic Halévy, com música de Offenbach, e obteve sucesso colossal para época, se mantendo por um ano em cartaz. (GUINSBURG, 2006)

Este período foi bastante intenso para as traduções e paródias de operetas, que, ao mesmo tempo em que eram encenadas em sua língua original no Alcazar, eram cada vez mais “acomodadas”, como se dizia na época, em enredos de costumes e tipos brasileiros (FARIA, 2001). As adaptações utilizavam a música original, mas transferiam a ação dramática para o Brasil. As traduções, portanto, não tinham nada de literais, e contavam

com a contribuição da criação teatral dos atores. A opereta costumava ser uma história alegre e fantasiosa, apropriava-se da música e de seus movimentos, da transição da fala para o canto sem hesitação, substituindo a realidade pela teatralidade. (PRADO, 1999 p.98)

Artur Azevedo (1855-1908) foi um importante dramaturgo do século XIX, que além de ter parodiado e traduzido variadas obras que foram encenadas na empresa de Jacinto Heller – a Phênix Dramática – foi o responsável pela nacionalização da opereta. *A filha de Maria Angu* (1876), sua primeira paródia, baseada na opereta *La fille de Madame Angot* (1872), texto de Siraudin, Clairville e Koning, música de Lecocq, foi levada à cena pela empresa Phênix Dramática. O sucesso da encenação foi imenso, deixando a paródia no repertório da companhia por muitos anos. Para se ter uma ideia, em abril de 1882 a companhia Phênix fazia a 145ª representação da peça.¹² A trajetória e o sucesso da opereta *A filha de Maria Angu*, que sempre atraiu muita concorrência (isto é, muito público, na linguagem jornalística da época), foi além da ambição inicial do escritor, que nem pretendia encená-la, “escrevi a Filha de Maria Angu por desfastio, sem intenção de exibi-la em nenhum teatro [...]”. (MAGALDI, 2001, p. 155)

A filha de Maria Angu continua a atrair grande concorrência ao teatro da Fênix. Amanhã é a recita do autor o Sr. Artur de Azevedo, que tem sido chamado à cena em quase todos os espetáculos. É de esperar que o público concorra a festejar o esperançoso escritor, a quem de certo, o êxito da sua estreia, animará para novos trabalhos. (*Gazeta de Notícias*, 1876, p.02)

Artur Azevedo não só deve ter se surpreendido com o sucesso da paródia, *A filha de Maria Angu*, como superou a expectativa do público em relação as suas obras vindouras, escrevendo outras paródias que foram encenadas pela empresa de Heller, como *A casadinha de Fresco* (1876), paródia de *La Petite mariée* de Letterrier e Vanloo e música de Charles Lecocq e *Abel, Helena* (1877) parodia de *La Belle Hélène*, de Meilhac e Halévy e música de Offenbach. Em coautoria com seu irmão Aluízio Azevedo, acomodou à cena a opereta *A flor de Liz* (1882), música de Leon Vasseur. Além das paródias, Artur também fez a tradução das seguintes peças: *Niniche*; *A Camargo*; *A Mulher do papa*; *Fatnizça* – junto com o escritor Eduardo Garrido; *O dia e a noite*; *Os três boticários*; *Coquicot*; *Gilete de Narbonn*; *Falka*; *O príncipe topázio*.

Depois do sucesso com as paródias, Artur Azevedo escreveu operetas originais, *Os Noivos* e *A princesa dos Cajueiros*, ambas de 1880, também encenadas pela empresa de Heller,

¹² *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 13 de abril de 1882, p.04

marcaram a nacionalização do gênero opereta, pois a música é de autoria de Sá Noranha, compositor português radicado no Brasil. (FARIA, 2001)

Outros escritores também fizeram sucesso com suas peças e traduções na Companhia Phênix Dramática, como o dramaturgo português Eduardo Garrido (1842-1912). Entre as peças encenadas no repertório da companhia de 1875 a 1885, eram suas traduções de: *O Jovem Telêmaco*; *As Mil e uma Noite*; *Boccacio*; *Uma embrulhada*; *Os Sinos de Corneville*; *Uma viagem a Pekin*; *D. Juanita*; *O sacristão de S. Justo*; *O Meia Azul*; *A Ave do Paraíso*; *Amar sem conhecer*; *Os Mosqueteiros no Convento*; *A Mascote e Mme Favart*; *Fatinitza* – tradução feita junto com Artur Azevedo. E de sua autoria as peças: *A Loteria do Diabo*; *A gata Borracheira ou O Chapim de Crystal*; *A Viagem à Lua*; *Sonhos de Ouro*; *Ali- Babá ou os Quarenta Ladrões*.¹³

A tradução feita por Eduardo Garrido da opereta *Os sinos de Corneville*, com música de Roberto Plaquette, fez extensa carreira no repertório da companhia, chegando a 200ª apresentação¹⁴ em dezembro de 1882, sempre com “enchentes” – expressão usada para indicar quando o teatro estava cheio em noite de espetáculo.

No Phênix Dramática sobe hoje à cena mais uma vez a nunca assaz aplaudida opereta *Os Sinos de Corneville*, que em boa hora lembrou-se o Heller de montar no seu teatro. É só colocá-la no cartaz e contar com a casa cheia, tanto que parece-nos que lá caminha ela para o seu segundo centenário. (*Gazeta de Notícias*, 1880, p. 01)

E ao mesmo tempo em que a companhia Phênix Dramática mantinha a peça em seu programa, em 1881 a companhia Lyrica Franceza apresentou a original, *Les cloches de Corneville*, no Teatro Santana, “a pedido de muitas excelentíssimas famílias” do Rio de Janeiro.

Além da opereta, a Mágica foi outro gênero de grande sucesso e que também fazia parte do repertório da Companhia Phênix Dramática. A mágica é um tipo peça teatral com ações fantásticas e sobrenaturais, que encantava pela beleza e complexa resolução cênica, sendo que

[...] sua atração maior não estava nem nos personagens nem nas histórias que trazia à cena, mas sim nos cenários e figurinos, na representação luxuosa, repleta de truques e surpresas, assim como os números de dança e música. (GUINSBURG, 2006, p. 175)

¹³ Informações encontradas em programas de espetáculos no jornal *Gazeta de Notícias*.

¹⁴ *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 28 de dezembro de 1882, p.04

Nos anúncios dos espetáculos de magia ficava sempre em evidência o que mais atraía o público. Eis descrito um dos anúncios da magia *A loteria do Diabo*, encenada pela companhia Phênix por muitos anos.¹⁵

EMPRESA DO ARTISTA HELLER, representar-se-á a grande magia em 4 atos e 17 quadros, do escritor E. Garrido, música do maestro H. A. De Mesquita – A LOTERIA DO DIABO – toma parte toda a companhia. Cenários, vestuários, adereços, tramoias, bailados, marchas, etc, etc. (*Gazeta de Notícias*, 1885, p. 04)

O apelo visual era o principal elemento dos espetáculos de mágicas, que deixava de lado a importância do texto. A arte do maquinista e do cenógrafo ganhava destaque nos palcos e nos anúncios de jornais. Jacinto Heller parece ter encantado o público com as *mise-en-scènes* de suas mágicas, sendo até chamado de general das mágicas.

Torcem o nariz à comédia e ao drama? Não lhe agradam nem uma nem outra? Pois sosseguem. O Santana lá está com a bela magia, *A Loteria do Diabo*, que dá sempre a sorte grande ao Heller; mas, com grande satisfação dos espectadores, que não sabem se hão de rir com o Vasques, ou deslumbrarem-se com as belezas da *mise-en-scène*. (*Gazeta de Notícias*, 1884, p.02)

[Sobre a magia *A Gata Borrallheira*] Quando a empresa do artista Heller anuncia uma peça nova, o público afluí ao teatro, confiando no conhecido bom gosto, habitual esplendor e luxo que às mãos largas emprega a direção. Não tendo sido iludido em sua expectativa, o público vão sempre e continuará a ir. [...] Como de costume a empresa fez verdadeiras extravagâncias em luxo de vestuários. Há cetins e ouro em profusão, isto sem contar com o valor artístico e bom gosto no desenho das toilettes [...]. No final de todos os atos, e notavelmente no último, foram os artistas chamados à cena e muito aplaudidos. Tiveram também farto quinhão o Mesquita, que bem merece, e o Heller, a quem o público aplaude sem fazer ideia do quanto custa por em movimento toda aquela gente. Decididamente este Heller [...] nasceu para ser general das mágicas. (*Gazeta de Notícias*, 1884, p.02)

Em contraponto à grandiosidade do espetáculo de magia, existia outro “gênero” do teatro leve com encenação bem simples, interpretada por apenas um ator: a cena cômica. Seus textos eram escritos em versos e possuíam partes faladas e cantadas, e tratavam sobre diversos assuntos, tanto políticos como sociais. Este tipo de espetáculo foi muito explorado na companhia Phênix Dramática, que contava com o maior e mais famoso autor de cenas cômicas, o ator cômico Francisco Corrêa Vasques. (GUINSBURG, 2006, p. 74) A cena cômica mais encontrada nos anúncios dos jornais é *Viagem a roda do*

¹⁵ De acordo com os anúncios encontrados, a peça teria ficado no repertório da companhia de 1877 a 1885, tendo pelo menos duas edições.

*mundo à pé*¹⁶, escrita e encenada por Vasques, tendo registros de apresentações de 1878 à 1885.

Outro gênero do teatro musicado encenado pela companhia Phênix Dramática era a revista de ano. Em 1885 a companhia encenou sua primeira revista, *Cocota* escrita por Artur Azevedo e Moreira Sampaio. A revista de ano era uma espécie de resenha dos acontecimentos importantes do ano anterior. Os fatos principais eram personificados em cena com uma abordagem teatralizada e musicada. A revista de ano nasceu na França no século XVIII, no teatro que se fazia em feiras, e foi Artur Azevedo, que conheceu o gênero em Paris, quem trouxe o modelo que foi posteriormente utilizado por outros escritores brasileiros. Assim como a opereta e a mágica, a revista de ano era um gênero de grande entretenimento para o público. (FARIA, 2001, p.161).

As operetas, revistas de ano, mágicas, assim como as cenas cômicas e as paródias, fazem parte dos gêneros musicados, também conhecidos como ligeiros ou alegres. A companhia Phênix Dramática foi a principal encenadora destes gêneros ao longo da década de 70, mas nos anos 80 passou a enfrentar intensa concorrência com o surgimento de outras companhias que também se dedicavam aos gêneros, como a de Braga Júnior e a de Sousa Bastos. (MENCARELLI, 2003, p. 32).

O teatro musicado foi estruturando-se como a principal forma de diversão urbana, voltado para o grande público – formado por uma gama heterogênea de indivíduos, que iam de escravos até a família real. Esse tipo de teatro investia na espetacularidade cênica, sem se preocupar com o teatro edificante, e tornava essa nova “indústria” do teatro musical num campo de diálogo e confrontos culturais, propulsor de sua popularidade. (MENCARELLI, 2003, p. 06) Devido a seu forte apelo popular, e sua “imoralidade”, o teatro musicado foi alvo de muitas críticas pelos intelectuais e letrados da época, que ligados à dramaturgia do chamado teatro sério, considerava o gênero ligeiro menor, ligando-o totalmente a uma suposta decadência, do teatro nacional.

Se por um lado as platéias se divertiam e os empresários ganhavam rios de dinheiro com as peças cômicas e musicadas, ou de grande aparato, por outro os escritores e intelectuais lamentavam a guinada do teatro brasileiro, que se afastava cada vez mais da literatura e se transformava em puro entretenimento. (FARIA, 2001, p. 150)

Apesar de o teatro ligeiro ter sido considerado um gênero menor pelos intelectuais da época, a sua consolidação foi um impulso para a vida teatral do Rio de Janeiro.

¹⁶ Apesar de ser esse o título da peça anunciada no jornal, existe a possibilidade de que o título real seja: *A volta ao Mundo em Oitenta dias, a Pé*, conforme indicado no *Dicionário do teatro brasileiro* (2006).

Os gêneros ligeiros souberam explorar a linguagem própria da performance cênica, investindo na espetacularidade, indo além dos limites da dramaturgia textual. A dramaturgia escrita caracteriza-se como um texto que se tornava lugar de expressão de distintas visões, mas também a coreografia, a cenografia, a sonoplastia poderiam ser vistas como texto. A canção ainda associada à poesia, mas a música não-cantada e todos os outros elementos constitutivos do espetáculo compunham uma espécie de escritura cênica, sujeita a tantas e tão variadas leituras quantos os monólogos e diálogos emitidos no palco. (MENCARELLI, 2003, p. 20)

A escala na produção teatral da cidade do Rio de Janeiro nunca tinha sido tão alta como nessa fase do teatro musicado. Este tipo de teatro popular vai influenciar o rumo das produções teatrais posteriores, contribuindo não só para a construção de teatro nacional pautado na espetacularidade e no contato com o popular, como também na produção de uma dramaturgia moderna.

Referências Bibliográficas:

FARIA, João Roberto (org.). História do teatro brasileiro. São Paulo, Perspectiva/ SESC SP, 2012.

_____. Ideias teatrais: o século XIX no Brasil. São Paulo, SP: Perspectiva: FAPESP, 2001.

GUINSBURG, J. Faria, João Roberto; Lima, Mariângela Alves de (orgs.), *Dicionário do Teatro Brasileiro: temas formas e conceitos*, São Paulo: Perspectiva, 2006.

MAGALDI, Sábato. Panorama do teatro brasileiro. 5. ed. São Paulo, SP: Global, 2001.

MENCARELLI, Fernando. A voz e a partitura: teatro musical, indústria e diversidade cultural no Rio de Janeiro (1868-1908). Tese (Doutorado em História). Campinas, IFCH/Unicamp, 2003.

PRADO, Décio de Almeida. História concisa do teatro brasileiro, 1570-1908. São Paulo, SP: EDUSP, 1999.

Periódicos:

Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 1875 a 1885. Disponível no Portal de Periódicos – Hemeroteca Digital: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>

Anúncio da Companhia Phênix Dramatica. In. *Diário do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, p.01, 22 abr. 1870.

Anúncio da peça *A filha de Maria Angra*. In. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, p.02, 02 abr. 1876.

Anúncio da peça *Os Sinos de Corneville*. In. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, p. 01, 24 fev. 1880.

Anúncio do espetáculo *A gata borralheira*. In. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, p.02, 26 abr. 1884.

Anúncio do espetáculo *A loteria do Diano*. In. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, p.02, 11 nov. 1884.

Anúncio do espetáculo *A loteria do Diabo*. In. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, p.04, 4 jul. 1885.

Abstract: This paper presents a research of information, made in XIXth century newspapers, about the history of the theater company Phênix Dramática, that belonged to the producer Jacinto Heller. It presents the plays performed between 1875 and 1885 and includes also a presentation about the circumstances and historical context in which the company was involved.

Key-words: Musical Theater, Phênix Dramática; Brazilian theater history.